

A dinâmica agricultura brasileira

Benjamin Salles Duarte¹

Em 1850, o café já era o primeiro produto de exportação da economia brasileira e já sinalizava sua relevância econômica, política e social. Até os dias atuais, o Brasil é o maior produtor mundial de café, lidera as exportações, e Minas Gerais participa, em média, com 50% das colheitas desse grão emblemático e histórico que, em 1727, chegou ao território brasileiro vindo da Guiana Francesa numa operação ainda nebulosa, cujo protagonista foi o sargento mor Francisco de Mello Palheta. Terras férteis, climas adequados e mão de obra escrava e barata alavancaram a cultura.

Ressalta-se que o café financiou também o crescimento das atividades industriais por décadas consecutivas e continua firme e forte em pleno século 21 – o consumo mundial de café passa de 162 milhões de sacas no ano cafeeiro de 2017–2018. Os "cafés finos" ganham novos "nichos" comerciais e multiplicam-se as cafeterias no Brasil. Estima-se que os embarques de café pelo País (verde, solúvel, torrado e moído) superarão os 35 milhões de sacas em 2018, salto de aproximadamente 14% em relação a 2017, com receita de mais de US\$ 5,1 bilhões. Em 2017, cada brasileiro consumiu em média mais de 800 xícaras de café.

Outros exemplos consolidam o desempenho da agricultura brasileira, principalmente depois da década de 1970, ao agregar mercados, exportações, pesquisas, inovações no campo, políticas públicas, crédito rural (inovar custa dinheiro) e mais cuidados com os recursos naturais

nas artes de plantar e criar. Atualmente o Brasil detém as seguintes posições internacionais no agronegócio: maior produtor e exportador de açúcar, ou fatia de 48% do comércio mundial; maior produtor e exportador de café, ou 27% do mundial; e maior produtor e exportador de suco de laranja, ou 76% do mundial; segundo maior produtor e exportador de soja em grão, ou 43% do mundial; segundo maior produtor de carne de frango e maior exportador, ou 42% do comércio mundial; segundo maior produtor e maior exportador de carne bovina, ou 20% do comércio mundial; terceiro maior produtor e segundo maior exportador de milho, ou 12% do mundial; quarto maior produtor e segundo maior exportador de óleo de soja, ou 12% do mundial; quarto maior produtor e segundo maior exportador de farelo de soja, ou 22% do mundial; quinto maior produtor e quarto maior exportador de algodão, ou 8% do mundial; e, finalmente, quarto maior produtor e exportador de carne suína, ou 11% da oferta nos cenários do comércio mundial. Além disso, a produção brasileira de algodão cresce, com ganhos de produtividade e qualidade da fibra – os cotonicultores têm adotado boas práticas recomendadas pela pesquisa. O conhecimento precede à mudança, e os saberes devem ser compartilhados, pois a decisão do produtor é conjuntural, com base no acesso que ele tem às informações.

Vale recordar que somos o terceiro maior produtor mundial de frutas, depois de Índia e

¹ Engenheiro-agrônomo. E-mail: benjamin.duarte1899@gmail.com

China, com produção estimada em 44 milhões de toneladas. Além disso, o setor de base florestal, em 2018, estima-se, exportará de US\$ 14,2 bilhões com as vendas externas de papel, celulose e madeira, 23% mais do que em 2017.

Noutro cenário convergente, com 7,84 milhões de hectares de reflorestamento, ou 0,88% do território nacional, o setor brasileiro de árvores plantadas é responsável por 91% de toda a madeira produzida para fins industriais e responde por 6,2% do PIB Industrial do País. A expectativa é que o uso das tecnologias mais avançadas de produção permita aproveitar, no futuro, 100% da floresta, pois novos usos serão realidade, como a lignina, o etanol de segunda geração, uma nova geração de bioplásticos, nanofibras e óleos.

Pesquisa da Esalq/USP revela que nos últimos 20 anos o superávit das exportações do agronegócio foi de US\$ 1,1 trilhão – papel de destaque, portanto, no desenvolvimento da economia brasileira. Entretanto, é preciso aprofundar as discussões sobre como agregar valor às matérias-primas agrossilvipecuárias e como o País avançar sempre na oferta de proteínas nobres, como carnes, leite e ovos.

A trilogia ganhos de produção, produtividade e qualidade nas culturas e criações será objetivo permanente e exigirá muita pesquisa agropecuária voltada para resultados e gestão mais eficientes dos sistemas agroalimentares – do campo à mesa do consumidor. Como sempre, no processo de difusão de inovações é estratégico e indispensável compartilhar saberes e experiências entre os atores públicos e privados que atuam na agricultura.

Não há mágica na adoção de uma inovação, mas se não houver lucratividade a inovação pode ser descartada por quem planta e cria. O bolso do produtor rural fala alto como em qualquer atividade econômica, e ele ainda está sujeito aos caprichos climáticos durante os ciclos das culturas de grãos e fibras. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de alimentos, e o agronegócio responde por 23% do PIB brasileiro, que foi de R\$ 6,6 trilhões em 2017, a preços correntes.

O quarto Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento estima a safra brasileira de grãos 2018–2019 em 237,3 milhões de toneladas, com produtividade média de grãos da ordem de 3.799 quilos por hectare cultivado (4,2% maior do que a safra 2017–2018) e numa área de plantio de 62,5 milhões de hectares, ou apenas 7,35% do território nacional. Assim, não dá para não enxergar esses números nem complicar as coisas e afirmar que a agricultura dilapidada recorrentemente os recursos naturais.

Comparando a safra brasileira de grãos de 1976–1977 com a de 2018–2019, a produtividade saltou de 1.257 kg/ha para 3.799 kg/ha, ou mais 202,2%, o que significa menor pressão sobre os recursos naturais e a biodiversidade.

Pode-se presumir que as mudanças climáticas, embora não haja consenso entre pesquisadores e cientistas, as altas taxas de urbanização, o crescimento demográfico, a concentração regional da produção, as tecnologias de informação, que superam as barreiras geográficas, as pressões sobre os sistemas de pesquisa agropecuária, para dar respostas às demandas por boas práticas sustentáveis e gerar novos conhecimentos aplicáveis num futuro não muito distante, farão repensar os currículos tradicionais de ciências agrárias, pesquisa e extensão.

E mais: os novos indicadores de sustentabilidade dos recursos naturais, pouca gente nas paisagens rurais e um mercado externo também rigoroso com a qualidade dos alimentos, agricultura irrigada e de precisão, num complexo leque de outras condicionantes estratégicas, serão também cenários desafiadores neste século, que sinaliza ser polêmico, instigante e que abre novas oportunidades para quem planta, cria, abastece e exporta.

É interessante registrar que a natureza humana, não raro, costuma generalizar suas observações. O CO₂, gás de efeito estufa, quase demonizado, é essencial à fotossíntese, que turbinha a agricultura no mundo. A natureza emite constantes sinais, que devem ser decifrados pelos pesquisadores e cientistas e repassados à sociedade.